



## ESTUDOS DE CURRÍCULO: PESQUISAS SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO EM EVENTOS LUSO-BRASILEIROS

Ana Lisa Nishio <sup>1</sup>  
Jussara Cassiano Nascimento <sup>2</sup>

### RESUMO

Apresentamos nesse texto o trabalho de pesquisa desenvolvido na disciplina Prática de Pesquisa II, coordenada pelos professores doutores Antônio Flávio Barbosa Moreira e Dayse Hora, na Universidade Católica de Petrópolis, localizada no Rio de Janeiro, Brasil. Inicialmente, foi-nos proposto levantar dados no conjunto dos trabalhos apresentados nos Colóquios Luso-Brasileiros realizados no período de 2000 a 2008. Tal investigação está vinculada ao projeto do Professor Doutor Antonio Flávio Barbosa Moreira apresentado ao CNPq, cujo tema é “A internacionalização do Campo do Currículo: condições, desafios e possibilidades de um novo paradigma.” A base teórica e metodológica, se espelha nos trabalhos de Moreira (1997, 1999, 2012), Pacheco (2002), Pinar (2006) e Silva (1999). Das categorias selecionadas pelos professores, elegemos para os nossos estudos: o cosmopolitismo e hibridização, porque acreditamos que as práticas cotidianas fornecem indícios e um possível entendimento sobre os currículos que são praticados.

**Palavras-chave:** Currículo; Internacionalização; Prática de pesquisa.

### INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido no ano 2013 na proposta de prática de pesquisa I, coordenada pelos professores Antônio Flávio Barbosa Moreira e Dayse Martins Hora, na Universidade Católica de Petrópolis, localizada no Estado do Rio de Janeiro.

O grupo é formado por estudantes de Doutorado, Mestrado e Graduação, além dos dois professores. Nossos encontros aconteceram às quartas-feiras e tivemos como proposta de trabalho: realizar pesquisa no conjunto dos trabalhos apresentados nos Colóquios Luso-Brasileiros realizados no período de 2000 a 2006.

A investigação desenvolvida foi vinculada ao projeto de pesquisa do Professor Doutor Antônio Flávio Barbosa Moreira apresentado ao CNPq, cujo tema era “A

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, [alnishio@gmail.com](mailto:alnishio@gmail.com);

<sup>2</sup> Pós-doutora em Educação. Coordenadora Pedagógica no Colégio Brigadeiro Newton Braga, [jussara@yahoo.com.br](mailto:jussara@yahoo.com.br);



internacionalização do Campo do Currículo: condições, desafios e possibilidades de um novo paradigma”, onde o objetivo geral proposto é

compreender o atual processo de internacionalização do campo do currículo, tal como se está expressando em eventos e textos associados à International Association for the Advancement of Curriculum Studies (IAACS), à American Association for the Advancement of Curriculum Studies (AAACS) e aos Colóquios Luso-Brasileiros sobre Questões Curriculares, bem como nas perspectivas de seus principais promotores ( MOREIRA, 2012, p.217).

Moreira (2012) ainda nos esclarece que o campo do currículo tem sido alvo de sua atenção desde a elaboração de sua tese de Doutorado, onde buscou compreender a emergência do campo do currículo no Brasil, sob a influência americana (p.216). Para ele, a internacionalização do campo do currículo não é um fenômeno recente, tendo em vista que seus reflexos vem sendo observados desde a nova influência da sociologia do currículo e os Colóquios Luso-Brasileiros têm representado momentos em que pesquisadores brasileiros e portugueses se reúnem e trocam experiências de trabalho e de pesquisa.

O projeto apresentado pelo Professor Dr. Antônio Flávio ao CNPq envolveu uma série de etapas, tendo sido organizada de forma prévia e provisória, tendo início em 2010 até 2014.

Portanto, iniciamos este texto contextualizando os encontros de pesquisa na Universidade Católica de Petrópolis, logo depois apresentamos brevemente o movimento que vem sendo denominado de Internacionalização do campo do currículo; a seguir incluímos algumas considerações sobre as categorias cosmopolitismo e hibridização que estiveram presentes nas mesas redondas do Colóquio de 2008 e que privilegiamos para destacar neste texto. Por fim, vamos desenvolver algumas considerações sobre todo o trabalho apresentado.

Dentre as diversas categorias, selecionadas por nós, pesquisadores, escolhemos as categorias cosmopolitismo e hibridização, por acreditarmos que as práticas cotidianas que são desenvolvidas nas escolas, fornecem inúmeros indícios para a compreensão das redes complexas que nelas se formam, pois a partir do seu estudo, é possível um entendimento sobre os currículos que são praticados.



## **METODOLOGIA - Contextualizando nossos encontros**

O Projeto de pesquisa organizado pelo Professor Dr. Antônio Flávio foi proposto ao CNPq para ter uma duração de 5 (cinco) anos, tendo início em 2010. Porém, demos continuidade ao projeto em março de 2013, na Universidade Católica de Petrópolis, onde 14 (quatorze) estudantes se reuniram uma vez por semana, durante todo semestre nas dependências da Universidade, para discutir questões voltadas para a pesquisa que estaríamos desenvolvendo.

Como pesquisadores, estávamos buscando um caminho na quantidade de dados, que coletamos do conjunto de trabalhos apresentados nas edições de 2002, 2004 e 2006 eleitas para o estudo. Por onde começar, o que fazer e como fazer? Nossa preocupação era a de como realizar uma pesquisa de grande porte. A pesquisa *Survey* foi sugerida, por se tratar de um método de coleta de informações diretamente de pessoas a respeito de suas ideias, sentimentos, saúde, planos, crenças e de fundo social, educacional e financeiro, e que estivesse vinculada aos Congressos Luso Brasileiros. Porém, concluímos que isso ocorreu indiretamente através da formulação de tabulações dos dados coletados.

Foram necessários alguns encontros de orientação com a professora Dayse Hora, para que pudéssemos traçar um caminho que direcionasse nossos estudos e pesquisas. Em primeiro lugar, foi acordado que iríamos trabalhar em duplas, com os textos desses Colóquios a partir de 2002, sabendo que este foi o ano do I Congresso Luso Brasileiro, realizado em Portugal. A partir de 2002, a cada dois anos ele passou a acontecer com edições alternadas em Portugal e no Brasil.

Mas o que fazer com esses textos? Pensamos em tabelar os diversos textos fazendo uso do aplicativo do Office, chamado Excel. Mas como categorizá-los? Depois de muitas discussões, iniciamos os trabalhos, nomeando os textos e ajustando-os em categorias que identificamos com recorrentes e que emergiam das análises dos resumos dos trabalhos apresentados no evento.



Essas categorias foram assim elencadas: Identidade, Conhecimento escolar, Tradução, Transferência e Transformação, Cosmopolitismo e Hibridismo, Gênero, Diferença, Etnia e Raça, Sexualidade, Internacionalização, Globalização e mundialização, Metodologia, Multiculturalismo, Avaliação, Formação inicial e continuada, Tecnologias de comunicação e informação e outros.

Para o preenchimento da tabela, selecionamos títulos e todos do grupo combinamos em completar usando fontes maiúsculas. Os títulos utilizados para a tabela foram construídos da seguinte forma : número do artigo no CD, nome do artigo, data da classificação, nome do aluno responsável, ano, país, cidade/estado, instituição de origem, autor e/ou outros autores, tipo de apresentação, temática, categoria, cenário 1 e cenário 2 (estes cenários estavam ligados a ser um texto voltado para ensino público ou privado).

Além de preenchermos a tabela em Excel, era necessário fazer um breve resumo sobre o texto, onde seria colocado o título do artigo, o ano do Colóquio, e o número do artigo, trazendo as principais ideias abordadas.

Semanalmente cada estudante-pesquisador deveria incluir na tabela os dados coletados nos livros impressos ou CDs dos Colóquios Luso Brasileiros de 2002, 2004 e 2006. Esses materiais nos foram cedidos pelo Prof. Antônio Flávio durante nossos encontros. Em geral, cada estudante escolhia os textos que desejava trabalhar. Porém durante nossos encontros um embate se estabeleceu: o professor sugeriu que deveríamos usar somente as mesas redondas em nossas análises iniciais, devido ao curto tempo que tínhamos: somente um semestre. Portanto, passamos a fazer nossas classificações utilizando as mesas redondas. Somente para o Colóquio de 2002 (o primeiro que tabelamos) foram utilizados os textos das comunicações livres além dos textos das mesas redondas.

Combinamos fazer uma espécie de ata, intitulada por nós de “diário de bordo” no qual seriam registrados os encontros de pesquisa, pois ele serviria para que tivéssemos um registro escrito de tudo o que foi acordado, em cada encontro, principalmente no caso de algum pesquisador não estar presente naquele dia.

Moreira (2012) destaca a relevância desta pesquisa, uma vez que aborda com profundidade as recentes mudanças pelas quais passa esse campo, e pela intenção de



propiciar uma compreensão mais aguçada das trocas culturais que hoje se estimulam e se desenvolvem.

Terminamos o semestre com o trabalho que nos propomos a tabelar concluído, porém os professores Antônio Flavio e Dayse Hora, nos propuseram escrever um texto sobre a experiência de trabalhar em um grupo de pesquisa, catalogando dados para realização de uma pesquisa de grande porte. Entretanto, além dessa experiência, seria necessário escolher uma das categorias selecionadas por nós, trazendo questões do currículo abordadas por autores diversos.

Após preenchermos todos os campos da tabela, que foram catalogados de acordo com as nossas classificações, ou seja, a partir dos trabalhos apresentados nos Colóquios Luso-Brasileiros de 2002 a 2006, percebemos a existência efetiva dessa internacionalização do campo do currículo. E, de forma semelhante a Pinar (2003) e Moreira (2009), observamos que cresce e se desenvolve um campo cada vez mais sofisticado, derivado de uma sugestiva conversação com colegas de diferentes países. Portanto, é preciso discutir a configuração de um campo de estudos que se amplia em nível mundial.

## **REFERENCIAL TEÓRICO - O processo de internacionalização no campo do currículo**

O campo do currículo vem passando nos dias de hoje, por um processo de internacionalização que está se desenvolvendo de forma acelerada, cujos sinais já se podem verificar há alguns anos. Encontros organizados entre pesquisadores de diversos países demonstram a força que essa mudança paradigmática vem tomando, desde a primeira década do século XX.

Foram criadas algumas associações e reuniões internacionais que representam fontes importantes nas discussões sobre a internacionalização deste campo. Espaços de discussões como o que aconteceu na China, na Finlândia em 2006, na África do Sul em 2009 e no Rio de Janeiro em 2012, mostram o quanto a internacionalização do currículo vem se mostrando em expansão.



Os Colóquios Luso-Brasileiros também refletem o crescimento desse campo, pois se constituem como uma das iniciativas vinculadas a essa internacionalização do currículo. Os Colóquios vêm acontecendo desde 2002, e além de contarem com a participação de pesquisadores portugueses e brasileiros, registram a participação de pesquisadores dos Estados Unidos, da Argentina, Espanha, Finlândia, França e Canadá.

Percebe-se que acadêmicos de diversos países têm procurado reconfigurar e descentrar suas tradições de conhecimentos, de forma a obter um trabalho conjunto, com a finalidade de discutir variadas temáticas sobre o currículo. Porém, Moreira (2012) nos apresenta alguns questionamentos: quando especialistas de diversas origens se juntam, com histórias internacionais que envolvem colonização, dominação, alienação política e arrogância, como garantir um diálogo democrático? Como identificar relações de poder que se expressem nessa conversação?

A internacionalização tem sido compreendida como um encontro entre pesquisadores que se expande em nível mundial, onde eles se esforçam para entender e analisar o que acontece no âmbito do currículo, nas diversas nações. Seus fundadores desejam que esses encontros proporcionem apoio aos debates acadêmicos locais e internacionais sobre os processos educacionais que tem o currículo como seu contexto intelectual.

Segundo Silva (1999), toda teoria do currículo tem como pano de fundo a discussão do conhecimento a ser ensinado aos estudantes. Sendo assim, as discussões relativas aos conhecimentos escolares, são questões centrais para pesquisadores, mas também para os docentes que estão o tempo todo tendo que tomar decisões sobre o que deve ser priorizado para ensinar.

Em estudos desenvolvidos por Moreira em 1997, sobre o processo de transferência educacional, onde ele analisa a emergência do campo do currículo no Brasil sobre a influência norte-americana, verificou-se em uma primeira etapa que até o final dos anos 70, aconteceu no país uma adaptação instrumental do discurso curricular norte-americano com a intenção de aproveitá-lo para a nossa realidade. Moreira já afirmava que:

[...] não há transporte mecânico de conhecimento de um país a outro. Entre a transferência e a recepção, processos mediadores dentre os quais destacam-se o dinamismo e as especificidades do contexto receptor, bem como a atuação dos



agentes envolvidos na transferência afetam o modo como determinada teoria ou prática estrangeira é recebida, difundida e aplicada (Moreira, 1997, p.5).

Porém, tendo em vista as significativas mudanças de ordem políticas, sociais e culturais que ocorreram tanto no panorama nacional quanto internacional, foi necessário realizar uma adaptação crítica desses materiais recebidos, tornando o campo do currículo mais autônomo.

No processo de internacionalização do currículo estão envolvidas relações de poder, uma vez que estamos o tempo todo selecionando, destacando, ocultando, propondo e impondo, ações a serem feitas, e é neste sentido que Silva (1999) argumenta que o currículo é também uma questão de poder.

Moreira (2009) em texto intitulado “Estudos de Currículo: avanços e desafios no processo de internacionalização” alerta para a necessidade de se descobrir e criticar algumas escolhas, que conscientes ou não, nem sempre norteiam por tolerância e solidariedade, sendo possível que outros interesses venham estimular a homogeneização cultural e necessidades locais.

Para isso, será necessário reconhecer a importância do diálogo entre os acadêmicos, estimulando-se a exploração de uma leitura incessante, que estimule outros questionamentos, outras interpretações de forma que elas possam apresentar uma nova solidariedade, pois segundo Moreira (1999), sempre haverá limites em relação ao que podemos entender do Outro e de nós mesmos.

Em análise dos editoriais do *Transnational Curriculum Inquiry*, Moreira (1999) constatou que a internacionalização implica num trabalho conjunto de estudiosos de diferentes países, com a intenção de configurar um campo que se caracteriza por uma perspectiva transnacional, mas não uniforme.

Moreira (1999) acrescenta ainda que os textos redigidos por Gough (2004) e Pinar (2005) que compõem o primeiro editorial do *Transnational Curriculum Inquiry*, podem ser considerados fundamentais para que se possa compreender a visão de internacionalização sustentada pela revista.



Após uma década, Moreira (2009), ressalta a importância dos Colóquios Luso-Brasileiros sobre questões curriculares enfatizando que constituem uma das iniciativas que podem ser associadas à internacionalização do campo. Segundo ele, além da presença de estudiosos de Portugal e do Brasil, os colóquios têm propiciado a participação de pesquisadores dos Estados Unidos, da Argentina, Espanha, Finlândia, França e do Canadá. Aproximam-se, assim, especialistas de distintos países, contribuindo para que se socializem questões e teorizações tanto de interesse geral quanto local.

O autor relata em seu artigo “Estudos de currículo: avanços e desafios no processo de internacionalização” os temas centrais dos colóquios já realizados, incluindo-se o que ora se desenvolve, expressando determinadas tendências nos rumos dos elos que têm aproximado investigadores brasileiros e portugueses. Considerando que as temáticas dos quatro colóquios foram, respectivamente, Currículo e Produção de identidades; Currículo: Pensar, Inventar, Diferir; Globalização e Educação: desafios para políticas e práticas; e Currículo, teorias, métodos, o autor chama a atenção para as introduções dos anais dos encontros e permite considerar que as atenções dos pesquisadores se têm voltado, expressivamente, para as relações entre currículo e conhecimento escolar e entre currículo e cultura, temas clássicos nos estudos de currículo, que parecem continuar a despertar o interesse dos participantes. Também acrescenta que nesse amplo panorama, algumas temáticas mais específicas se destacaram - identidade, diferença, desigualdade, inclusão, políticas curriculares -, abordadas tanto segundo realidades locais quanto com referência a contextos internacionais (Pacheco, 2002; Moreira, Pacheco, Garcia, 2004; Moreira, Pacheco, 2006).

Os focos observados nos colóquios confirmam os pontos de vista de Silva (1999), para quem toda teoria de currículo tem como pano de fundo a discussão do conhecimento a ser ensinado aos estudantes. Ao mesmo tempo, acrescenta Silva (1999a), a pergunta relativa ao que ensinar jamais se separa de outra: que se espera que os alunos venham a ser? Em síntese, as preocupações com o conhecimento escolar e com as identidades dos estudantes têm merecido a atenção de pesquisadores de distintos países. Cabe esperar que essas (e outras) temáticas venham a inspirar estudos que possam incrementar a internacionalização do campo e contribuir para sua maior sofisticação teórica, assim





como para consolidar o compromisso dos pesquisadores com justiça social e equilíbrio ecológico (Pinar, 2006).

Gough (2004) argumenta que novos públicos transnacionais podem produzir narrativas mais defensáveis para o trabalho em currículo do que o nacionalismo; fazendo-se necessárias o uso de outras linguagens empregadas no discurso curricular. Pinar (2005), aposta num encontro entre a tradição chinesa e a canadense, onde aconteçam vantagens nessa relação dinâmica, chamada por ele de “conversa complicada”, fazendo com que aconteçam avanços no campo do currículo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao levantar questões de natureza política e social, alguns trabalhos nos Colóquios suscitam perguntas como: A aposta no currículo comum para todos é de fato uma via para a conquista da justiça social? O debate sobre a composição de currículos, na Educação Básica, é uma absoluta necessidade, porque “aí se está decidindo a base da formação cultural comum para todos os cidadãos, seja qual for sua origem social, independentemente de suas probabilidades de permanência no sistema educativo em níveis de educação não obrigatórios”? (BORDIEU 1998, GIMENO SACRISTÁN, 2000, PINAR, 2009)

Por outro lado, diante de uma sociedade globalizada, com o advento de recursos tecnológicos jamais vividos em outras gerações, que homogeneidade encontraremos? Concordando com Pinar, Moreira (2009, p.368 ) defende a “viabilidade de um processo de hibridização cultural, no qual elementos de distintas origens e posições hierárquicas se desterritorializem e se reterritorializem.” Sobre isso ou excerto é importante de ser considerado em nossa análise.

Ao mesmo tempo que se difundem os benefícios decorrentes da ampla mobilização de conhecimentos científicos de todos os tipos, esboçam-se com mais intensidade os riscos decorrentes das traduções e interpretações pasteurizadas de uma mídia globalizada, nas quais as imagens da realidade e as visões de mundo transmitidas são as que beneficiam os grupos sociais poderosos. Assim, diferentes saberes, formas de vida e visões de mundo encontram-se, atrimam-se, confrontam-se, subordinam-se, renovam-se. Se o processo pode causar homogeneização, invasão, destruição de manifestações culturais, pode, por outro lado, estimular uma apropriação crítica de ideias e teorias elaboradas pelo "outro". (MOREIRA, MACEDO, 2006, p.18-19)



Mostra assim sua defesa em relação à categoria hibridização. Da mesma forma, defende a categoria cosmopolitismo, argumentando (MOREIRA, MACEDO, 2006) em prol da compreensão do processo de trocas culturais, que expressa uma posição em relação à diversidade, uma predisposição de se envolver com o outro, “*a uma busca de contrastes, ao invés de uniformidade*”.

O cosmopolita seria um indivíduo livre para recolher de uma dada cultura somente o que lhe interessasse, ou, então, para aceitá-la de modo mais amplo. Acolhendo parcial ou totalmente a cultura estrangeira, o cosmopolita não se limitaria ao compromisso com esta; ao contrário, garantiria sempre sua habilidade de "encontrar a saída". O cosmopolita utilizaria sua mobilidade para incorporar, crítica e seletivamente, experiências e significados apreendidos em sua trajetória por inúmeros territórios culturais. Na sociedade global, o intelectual cosmopolita seria capaz de explorar as oportunidades e os efeitos decorrentes do incessante fluxo de ideias e teorias, bem como de empregá-las para evitar homogeneização e situações de opressão e de imperialismo. (MOREIRA, 2009, p.376)

Concordando com os autores, verifica-se que essa citação demonstra a necessidade do diálogo acadêmico, o qual deve acontecer dentro e fora das Universidades; é necessário aprofundar e socializar as pesquisas e os estudos que se dediquem nas escolhas dos conteúdos, a partir do contexto e no desdobramentos dos processos educativos, culminado no currículo. Os resultados desses diálogos tendem representar consideráveis conquistas na proposta de se aumentar a compreensão do processo curricular, como afirma Moreira (2009).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos concluir afirmando que é de grande valia para as análises sobre o currículo a compreensão da Internacionalização do seu Campo, assim como a fundamentação teórica nessa área através dos autores envolvidos e das categorizações necessárias para a melhor compreensão do estudo.

Nessa proposta, o trabalho de pesquisa em equipe provou uma fala do professor Moreira (2009, p.379) “[...] nessas conversas, deseja-se a confluência, mas não a homogeneização, de distintos modos de pensar, de imaginar e de improvisar. Nelas, autonomia, respeito e cosmopolitismo precisam ocupar lugares de destaque, para que não



se desvalorizem ou se subjuguem discursos, vozes e interesses locais.” Ou seja, um grupo diversificado em relação à história de vidas, de formação e proposta de pesquisa se auxiliou mutuamente alcançando até objetivos não previamente estabelecidos.

Diante da diversidade de histórias de vida, de comportamentos, das infinitas possibilidades de aprender, de transcender, de viver, verificamos a importância do debate constante que favorece o enriquecimento de novas propostas e que superem o pensamento “local” e desenvolva uma rede onde todos tenham as mesmas oportunidades de encontrar benefícios nesse debate.

## REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIMENO SACRISTÁN J. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática. In: \_\_\_\_\_.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. Cap. 6, p. 119-148.

GOUGH, N. Thinking globally in environmental education: implications for internationalizing curriculum inquiry. In: PINAR, W. P. (ed.) **International handbook of curriculum research**. Mahwah, London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p.53-72.

HANNERZ, U. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, M. (org.) **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.251-266.

MOREIRA, A. F. B. **Currículos e programas no Brasil**. 3.ed. Campinas: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. (org.). **Currículo: Políticas e práticas**. Campinas: Papirus, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estudos de Currículo: avanços e desafios no processo de internacionalização**. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.137, p.367-381, maio/ago. 2009.

\_\_\_\_\_. **A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): Avanços, desafios e tensões**. Revista Brasileira de Educação, Campinas: Autores Associados/ANPED, 2001, nº 18, p. 65-81.

\_\_\_\_\_. **A internacionalização do campo do currículo**. Revista Contemporânea de Educação N ° 13 – janeiro/julho de 2012

\_\_\_\_\_. The Curriculum field in Brazil: emergence and consolidation. In: PINAR, W. P. (ed.) **International handbook of curriculum research**. Mahwah, London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p.171-184.



\_\_\_\_\_. MACEDO, E. F. Faz sentido ainda o conceito de transferência educacional? In: MOREIRA, A. F. B. (org.) **Currículo: políticas e práticas**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2006. p.11-28.

\_\_\_\_\_. PACHECO, J. A. (orgs.) **Globalização e educação: desafios para políticas e práticas**. Porto: Porto, 2006.

\_\_\_\_\_; GARCIA, R. L. (orgs.) **Currículo: pensar, sentir e diferir**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOUFFE, C. **O Regresso do político**. Lisboa: Gradiva, 1996.

PACHECO, J. A. Notas de abertura. In: MOREIRA, A. F. et al. (orgs.) **Currículo e produção de identidades**. Braga: Universidade do Minho, 2002. p.7-8.

PINAR, W. F. **Curriculum theory since 1950: crisis, reconceptualization, internationalization**. Vancouver, 2006. mimeo

\_\_\_\_\_. **The Internationalization of curriculum studies: a status report**. [Apres. no Encontro Anual da American Association for the Advancement of Curriculum Studies, New Orleans, 2002.] mimeo

\_\_\_\_\_. Introduction. In: PINAR, W. F. (ed.) **International handbook of curriculum research**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p.1-31.

\_\_\_\_\_. **The Synoptic text today and other essays: curriculum development after the reconceptualization**. New York: Peter Lang, 2006a.

\_\_\_\_\_. **What is curriculum theory?** Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

POLLOCK, S. et al. Cosmopolitanisms. In: BRECKENRIDGE, C. A. et al. (eds.) **Cosmopolitanism**. Durham, London: Duke University Press, 2002.

RAGATT, P. **One person's periphery**. Compare, v. 13, n. 1, p.1-5, 1983.

SANTOS, B. S. Os Processos da globalização. In: SANTOS, B. S. (org.) **A Globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002. p.25-104.

SARLO, B. **Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura en la Argentina**. Buenos Aires: Ariel, 1999.

SILVA, T. T. **O Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a.